

# 1

## Introdução

“O objetivo das Ciências Sociais não é aferir o valor teológico das religiões e sim compreender os efeitos sociais do pertencimento religioso. (...) Neste sentido, as pesquisas sobre religião (...) podem contribuir para o conhecimento sobre as muitas maneiras e combinações através das quais os brasileiros enfrentam seus problemas materiais e emocionais imediatos e fazem renascer o sentido e a esperança em suas vidas”.

Regina Reyes Novaes – “Pentecostalismo político, mídia e favela” (2001:73).

A religião orienta o sentido de vida dos indivíduos que, muitas vezes, a entendem como sendo o próprio cerne de suas existências. Nesse contexto o discurso religioso contribui na organização de práticas sociais, estabelecendo valores, regras, tabus e premissas cujas origens se encontram na fundação da própria vida social.

O processo de globalização mundial, desde o seu início no período das grandes navegações, tem forçado comunidades diversas a entrarem cada vez mais em contato com discursos religiosos diferentes daqueles que fazem parte de sua própria prática. Por volta do início do século XVI os exploradores, mercadores e missionários do mundo ocidental começaram a mostrar ao mundo cristão a existência de práticas religiosas totalmente desvinculadas da Bíblia ou que não traziam paralelo com o cristianismo, ao mesmo tempo em que levavam a fé cristã para todos os lugares que iam. Esse processo continuou e, com a aceleração da globalização, a partir do século XX, através das redes de comunicação e mercado mundiais, o contato com diferentes discursos religiosos se acentuou.

Dentro desses encontros (ou desencontros), pode haver desde a assimilação do discurso religioso do outro (podendo ocorrer mesmo a adoção de uma nova religião através da conversão), até a total intolerância, muitas vezes representada pelas mais diversas formas de fundamentalismo. Nesse cenário, os estudos sobre religião vêm ganhando cada vez mais importância, se desenvolvendo e abrangendo os mais diferentes campos do saber, ajudando na compreensão, entre outros aspectos, dos processos através dos quais a prática religiosa se constitui sócio-historicamente e quais as maneiras pelas quais vem se perpetuando e afetando a vida das pessoas.

Os campos da Antropologia e da Sociologia, particularmente, têm contribuído imensamente para o nosso entendimento da religião; sem deixar de lado as importantes contribuições dessas e de outras áreas de pesquisa, algumas das quais são citadas neste

trabalho, uma vez que lido com uma perspectiva interdisciplinar de pesquisa, tenho a convicção de que existe muito espaço na área dos estudos da religião que exige a atenção de um analista do discurso e do aparato desenvolvido pela área dos Estudos da Linguagem. Aqui, como esclareço mais adiante, focalizarei apenas uma porção desta contribuição que é a investigação da construção de narrativas pessoais de experiências de conversão religiosa.

Nesta pesquisa proponho que religião seja entendida como um conjunto de práticas que envolvam o sentimento ou a noção do sagrado (cf. Eliade, 1992), e que são estabelecidas em um processo contínuo de relações sociais, dentro do qual essas mesmas práticas podem ser mudadas no tempo e no espaço.<sup>1</sup> Considero também que a prática religiosa não pode ser vista como estando desvinculada de outras práticas sociais. Ela é uma prática localizada no mundo no qual o indivíduo se insere ou, como coloca John Caputo:<sup>2</sup>

“nós somos seres históricos e sociais concretamente situados em uma ou outra tradição histórica, cultural e lingüística, formados e forjados por uma ou outra tradição religiosa. Nossas aspirações religiosas nos foram dadas de uma forma ou de outra pelas tradições às quais nós pertencemos e pelas quais fomos nutridos, pelo modo em que o nome de Deus ganhou corporalidade e substância para nós”. (2001:34)

O objetivo desta pesquisa é examinar como são construídas narrativas de conversão religiosa, tendo como base a análise de entrevistas não-estruturadas em que sujeitos relatam suas histórias de vida<sup>3</sup>. A análise de como as narrativas de conversão são construídas leva em consideração, principalmente, a utilização de relações de eventos que denomino de *rede de mudança* e *fluxo de mudança*. Outra questão é como a identidade social e a experiência religiosa da conversão são construídas discursivamente nos relatos de conversão dos entrevistados; como constroem discursivamente a importância da afiliação religiosa em suas vidas e como essa influência se estende (sempre segundo o que narram) para outros aspectos de suas vidas sociais. Tenho como

<sup>1</sup> Para um estudo mais abrangente sobre diferentes possibilidades de definição de “religião” e da complexidade de cada definição recomendo a leitura, dentre outros textos, do trabalho de Daniel Pals (1996) e do capítulo 5 de William James ([1902] 2004:21-40), Leitura nº 2 “Circumscription of the topic”.

<sup>2</sup> Nesta pesquisa as traduções de citações são de minha autoria, salvo quando se tratar da utilização de obra traduzida.

<sup>3</sup> Seguindo Bastos (2005), utilizarei nesta pesquisa o termo “estória de vida”, de acordo com a proposta de Linde (1993), para diferenciá-lo do conceito de “história de vida”. Embora ambos os conceitos tenham aspectos semelhantes, o termo “estória de vida” possui forte influência sociolingüística, focalizando a construção discursiva, ao passo que “história de vida” está ligado aos estudos da Antropologia, História e Psicologia.

objetivo a busca de uma maior compreensão de como os relatos de conversão religiosa são estruturados e de como os narradores constroem a si e aos outros em suas histórias de conversão. Dessa forma, posso formular os objetivos desta pesquisa da seguinte forma:

1. Analisar como os entrevistados estruturam suas narrativas para contar suas trajetórias de conversão, ou seja, como os diferentes aspectos da experiência de conversão presentes nos relatos são organizados tendo-se em vista o trabalho de (re)construção das identidades sociais e as relações que constituem a *rede de mudança* e o *fluxo de mudança* das conversões;

2. Analisar como os narradores constroem a sua apreensão do sistema de coerência que os levaram à conversão e a sua relação com diferentes dimensões discursivas da sociedade como, por exemplo, o discurso religioso institucional e familiar tal como aparecem em suas histórias de vida;

3. Analisar como os narradores constroem suas experiências passadas (antes e durante a conversão) tendo em vista a sua perspectiva do presente, ou seja, sendo já convertidos e atuais membros ativos de diferentes igrejas evangélicas.

Narrativas de conversão possuem características bem particulares, uma vez que, geralmente, funcionam como testemunhos da passagem de uma condição de existência ruim para uma melhor. Järvinen (2004:63), por exemplo, coloca que em histórias de conversão (de naturezas diversas, não apenas religiosa) o contraste entre o presente e o passado é muito importante, já que os narradores costumam construir um passado infeliz, sofrido e frustrante em oposição a um presente tranquilo e bem adaptado.

Proponho que a *conversão* seja entendida, aqui, como um conjunto de transformações sofridas por um dado indivíduo que o levam, na sua forma de pensar e em suas ações cotidianas, a se alinhar a um sistema de coerência (cf. Linde, 1993) que constitui a religião. Esse processo, seja ele descrito como tendo sido assimilado de forma gradual ou repentina, possui como principais características o próprio alinhamento do convertido ao novo sistema de idéias e a sua disposição em acreditar que a conversão o levou para um nível superior de existência. Essa crença é pautada, geralmente, pela descrição de um estado de unificação ou proximidade com a divindade, o que leva o convertido a estabelecer uma diferença marcante em sua vida antes e após o momento que ele considera como o instante da conversão (cf. James, [1902] 2004:142-192). A vida anterior a esse momento tende a ser considerada como uma vida

vazia, sem um sentido real e, muitas vezes, triste, e a vida após a conversão é vista como uma nova vida, com possibilidades de desenvolvimento no futuro. Para William James ([1902] 2004:154), a conversão religiosa é motivada, principalmente, pela necessidade de se ter uma ajuda superior, seguida pelo sentimento, por parte do convertido, de que obteve essa ajuda.

Trabalharei aqui com um tipo bem particular de conversão: aquela ao cristianismo de natureza evangélica. Uma das principais características da conversão no contexto das igrejas evangélicas é que o convertido declara <sup>4</sup> a aceitação de Cristo como único e eterno salvador e se propõe incluir as práticas apreendidas na comunidade da igreja em seu cotidiano. O que aqui chamo de práticas se refere à maneira de se vestir, de falar e a outras formas de atuar no mundo social como um todo. Aceitar Cristo como salvador implica que o indivíduo já apreendeu e aceitou de tal forma as idéias e modo de condução social daquela comunidade que já pode ser preparado para o ritual do batismo a fim de completar o processo que estabelece a sua associação àquele grupo.

Nesta pesquisa, investigarei como os entrevistados constroem suas narrativas de conversão (experiência passada) tendo em vista a utilização da perspectiva do presente e levando em consideração a organização da experiência narrada dentro daquilo que denomino de *rede de mudança* e *fluxo de mudança*.

Ao pesquisar o uso da perspectiva do presente levo em consideração que a narrativa é mais do que uma seqüência ordenada de eventos. Alinho-me, desta forma, a estudos que têm problematizado a visão estritamente cronológica da narrativa. Especificamente, àqueles estudos que consideram ser a ‘perspectiva do presente’ ou o ‘sentido do final’ que orientam a construção narrativa (Ricoeur, 1980, 1984; Brockmeier, 2000; Mishler, 2002; Järvinen, 2004, Bastos e Santos, 2006).

Um dos suportes teóricos desta pesquisa se encontra no desenvolvimento das noções de *rede de mudança* e *fluxo de mudança*. O conceito *rede de mudança* se relaciona à construção discursiva do conjunto de relações fundamentais para que a mudança aconteça; e *fluxo de mudança* se refere à construção discursiva do momento da transformação ou conversão.

Ao me concentrar na construção das narrativas das experiências religiosas dos indivíduos entrevistados, levo em consideração as condições sócio-históricas (Moita Lopes, 1998) e, também, a questão local da construção do discurso e das identidades, já

---

<sup>4</sup> Esse processo de declarar-se um convertido pode envolver a mudança na forma do indivíduo posicionar a sua identidade também em outros espaços sociais como na família e no trabalho.

que as narrativas são produzidas em situação de entrevista. Como coloca Frederick Erickson (1996:284), “é a questão da construção social local e do enquadre situacional que molda as condições de uso da linguagem”.

A noção de identidade social utilizada aqui compreende, primeiro, que a mesma é múltipla, formada por várias facetas que podem refletir práticas religiosas, étnicas, de gênero, de sexualidade, entre outras, e que conferem ao indivíduo diferentes posicionamentos (cf. Goffman, [1979] 2002) na sociedade. A segunda particularidade das identidades sociais é que elas não são estáticas mas, ao contrário, são dinâmicas, uma vez que se caracterizam por serem construtos sociais que estão sempre se modificando com menor ou maior grau de intensidade, absorvendo algumas características e repelindo outras (Woodward, 1997:i).

O terceiro aspecto da identidade social que considerarei aqui é que a sua formação se dá via discurso. Nesse sentido, é importante observar que, ao se engajarem em uma prática discursiva, os indivíduos trazem consigo diferentes marcas de suas identidades (cf. Moita Lopes, 1996:142), e, através de seus encontros discursivos, estão constantemente (re)construindo suas próprias identidades e, também, as daqueles que estão ao seu redor. Assim, as diversas práticas discursivas estão diretamente ligadas à construção das identidades, de modo que as mudanças no discurso implicam mudanças na identidade (cf. Gee, 1994:168-169).

Dentro de uma visão que considere a identidade como múltipla e dinâmica, torna-se impossível ver uma dada religião, ou uma comunidade religiosa, como um conjunto homogeneamente constituído. Assim, ao lidar com narrativas de (re)construção da identidade social religiosa, estou atento ao fato de que, como já observei acima, esta é formada por um grande e intrincado número de elementos e, ainda, que a questão religiosa não é um processo cristalizado na vida dos indivíduos, mas se encontra em contínua transformação.

Levando em conta as considerações acima, a presente pesquisa tem por pressuposto que, quem fala (ou escreve), insere a sua elocução em um espaço social específico no mundo (cf. Moita Lopes, 1998). A prática discursiva em geral e a religiosa, seja esta uma liturgia, um cântico religioso, uma aula, uma conversa ou entrevistas que focalizam testemunhos de conversão como as que trago nesta pesquisa, sempre trazem ideologias próprias que irão entrar na formação da visão e atuação no mundo daqueles que se engajarem nesses discursos (cf. Fairclough, 1992:90).

Nesta pesquisa escolhi trabalhar com narrativas de pessoas que optaram por praticar uma religião diferente daquela na qual foram educadas em suas famílias de origem. Entendo que essa característica seja necessária, uma vez que vem ao encontro da proposta da pesquisa que é a de investigar de que maneira as pessoas constroem os seus processos de conversão através da narrativa de suas histórias de vida.

O fenômeno da conversão para igrejas evangélicas hoje está presente em grande parte das sociedades contemporâneas e é bastante comum na cidade do Rio de Janeiro - onde vivo -, principalmente nas áreas mais pobres da cidade, onde a proliferação de igrejas evangélicas, que muitas vezes suprem funções devidas ao Estado, é cada vez mais evidente<sup>5</sup> e não se limita a uma denominação específica.

Ao procurar realizar uma análise sócio-discursiva desse fenômeno, também traço considerações de como o discurso institucional (no caso da instituição religiosa à qual os indivíduos estão afiliados) pode estar orientando a construção identitária dos convertidos. Estarei atento, assim, à complexa rede de relações entre religião, construção de discurso e de identidade social.

Discurso é entendido, aqui, como uma prática social que, tal como coloca Fairclough, implica,

“primeiro, que a linguagem é uma parte da sociedade, e não algo externo a ela. Segundo, que a linguagem é um processo social e, terceiro, que a linguagem é um processo socialmente condicionado, dependente que é de outras partes (não lingüísticas) da sociedade” ([1989] 2001:18-9).

Nesta pesquisa considero que a produção discursiva engloba vários aspectos do ato comunicativo; os gramaticais, bem como os interacionais da linguagem. Isto é, ao interagir discursivamente, as pessoas utilizam tanto o saber sistêmico, que implica a habilidade de lidar com as características da linguagem nos níveis lexical, semântico e sintático, tanto quanto com o conhecimento esquemático, que compreende a experiência de mundo e crenças ideológicas e das rotinas interacionais para lidar com a linguagem em uso (Widdowson, 1983:38). Essa inter-relação de conhecimentos no estabelecimento

<sup>5</sup> Segundo Novaes (2001:53), “uma pesquisa realizada pelo Iser (Instituto de Estudos da Religião) sob a coordenação do antropólogo Rubem César Fernandes, na área metropolitana do Rio de Janeiro, constatou a existência de 4.000 instituições evangélicas nesta área. Com o objetivo de avaliar o ritmo deste crescimento, recorreu-se a registros publicados pelo Diário Oficial nos três anos anteriores. Os resultados desse levantamento foram surpreendentes: nesses anos mais de cinco novas igrejas foram fundadas e registradas por semana, ou seja, mais do que uma igreja por dia útil. Entre as 710 igrejas fundadas, durante três anos e circunscritas à cidade do Rio de Janeiro e sua periferia, nada menos do que 91,26% são pentecostais e 80% delas se localizam nas áreas mais carentes”.

do discurso implica que a produção de narrativas pode ser analisada na interação imediata, bem como com o contexto social macro.

É importante esclarecer que a minha principal preocupação não é o estudo da estrutura de episódios narrativos como proposto, por exemplo, por Labov (1972), mas é a de pesquisar a construção narrativa da trajetória de conversão nos relatos de *estórias de vida*, um tipo de narrativa que se distingue pela inclusão de eventos importantes na vida de uma pessoa, como escolha de profissão e conversão religiosa, entre outros (Linde, 1993:219). A narrativa é um tipo de produção discursiva muito singular que possui, entre outras características, seqüencialidade, que estabelece a organicidade da trama, e um caráter avaliativo, que possibilita uma constante negociação do significado entre o narrador e o ouvinte. A narrativa organiza e confere sentido à experiência humana e molda e é moldada pela tradição (cf. Giddens, [1999] 2003 e Hobsbawm e Ranger, 1983). Assim, ao narrar uma estória, os seres humanos lidam com aspectos relevantes de suas vidas como crenças e desejos; eles tornam compreensível uma experiência por mais estranha que pareça, reiteram (ou questionam) normas sociais e estabelecem redes de relações para atuarem no mundo (Bruner, 1997:52). Além disso, o narrador estabelece vários tipos de relação com o interlocutor que vão desde a constituição de papéis imediatos, ou seja, no contexto da interação, à construção de identidades sociais a fim de atuar em outros contextos. Através do estudo da produção da narrativa, podemos entender melhor, entre outros aspectos, a construção de crenças e das identidades sociais.

Esta pesquisa envolve uma interface entre as perspectivas teóricas e metodológicas da Análise Crítica do Discurso (Fowler *et al.*, 1979; Hodge e Kress, 1988, Fairclough, 1992, [1989] 2001), que propõe que a linguagem seja entendida como uma forma de prática social e se preocupa em observar conexões entre linguagem, ideologia e poder, bem como seus efeitos na esfera social, e da Sociolinguística Interacional (Goffman, [1979] 2002; Gumperz, 1982; Tannen, 1984, 1989, 1992; Schiffrin, 1987, 1996), que investiga a linguagem tanto no contexto interacional micro quanto no contexto social macro e provê uma série de conceitos e categorias que possibilitam a observação sistemática da linguagem em uso.

Os principais instrumentos de análise utilizados são o próprio *estudo de narrativas* (Bruner, 1997; Mishler, 1999), *estórias de vida* (Linde, 1993; Mishler,

1999), *coerência e sistema de coerência* (Linde, 1993), o estudo da *perspectiva do presente* (Järvinen, 2004) na construção da narrativa e as concepções de *rede de mudança* e *fluxo de mudança*, que desenvolvo nesta pesquisa. Também lido com os conceitos de *comunidade de prática* (Wenger, 1998), *alinhamento* (Goffman, [1979] 2002) e *enredo* (Riessman, 1993; Good, 1994), noções estas que serão desenvolvidas adiante.

Esta pesquisa traz a análise de fragmentos de quatro narrativas de conversão a igrejas evangélicas, contadas em situação de entrevista: a primeira é a de um homem de quarenta e cinco anos, que narra o seu momento de conversão como pleno de conflito de valores e fortemente influenciado por questões de gênero. A segunda entrevista foi realizada com um homem de vinte e seis anos. Ele desenvolve um relato no qual a sua conversão se relaciona a conflitos familiares, escolhas em sua adolescência e ao seu relacionamento amoroso. Na terceira entrevista temos o relato de conversão de uma mulher de vinte e cinco anos que, em sua narrativa, ressalta os conflitos na escolha da religião adequada, envolvendo ainda a relação familiar e a busca por um relacionamento afetivo estável. Na quarta e última entrevista temos a narrativa de estória de vida de uma mulher de quarenta e seis anos que traz, entre outros fatos importantes, seus conflitos iniciais na escolha de sua religião e a sua experiência de mais de vinte anos como mãe-de-santo no candomblé (religião afro-brasileira) antes de se converter a uma igreja evangélica.

As entrevistas não são estruturadas, ou seja, elas não seguem um roteiro pré-elaborado e também não são conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha de encontro a uma suposição teórica prévia. Na análise pretendo mostrar, como operam na construção das narrativas, 1) a *rede de mudança* e o *fluxo de mudança*; 2) a perspectiva do presente e 3) os diferentes aspectos do trabalho de construção discursiva da identidade social de convertido, principalmente em contraposição com aquela de não convertido.

A análise mostra que, nos casos estudados, a *rede de mudança* é constituída por elementos como “família e religião (primeiros contatos com práticas religiosas)”, “aprofundando tensões”, “os primeiros passos da mudança”, “outros caminhos”, “problemas no caminho e novas percepções de Deus” e “a um passo da conversão”. O *fluxo de mudança* é constituído pela narração do que os entrevistados consideram ser o momento iluminador de suas conversões.

O presente trabalho foi dividido em sete partes. Na introdução abordo o contexto e as questões que envolvem a pesquisa. No segundo capítulo abordo alguns estudos clássicos da religião e a questão do protestantismo. No terceiro capítulo desenvolvo o arcabouço teórico e as ferramentas de análise. O quarto capítulo tem por objetivo esclarecer quanto à metodologia e à caracterização dos dados. A partir do quinto capítulo começo a desenvolver a primeira parte de análise, focalizando, principalmente, o trabalho de construção discursiva da *rede de mudança*. A construção do *fluxo de mudança* é analisada no capítulo posterior e a análise do uso da perspectiva do presente e da construção identitária aparece em ambos os capítulos. A última parte do texto, “últimas considerações”, é dedicada ao levantamento dos principais pontos e ao fechamento da pesquisa.